O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro (AVENÇADO)

ANO 44.º — N.º 2185

Sábado, 3 de Março de 1951

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Comb. da G. Guerra — Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Porto *Agência Havas*

A Primavera

E' neste mez que ela entra, vendo-se já muitas árvores floridas enquanto outras se revestem de folhagem.

O Inverno entre nós, isto é, em Aveiro, não foi tempestuoso como em algumas partes, mas caiu bastante chuva e o frio chegou para afligir.

As andorinhas, essas, já vieram, aproximando se, como de costume, da mais linda Estação do ano, que os poetas outrora cantavam em famosos versos, sendo festejada com alegria e o maior apreço.

Quem a dera, porque é bom sinal.

FAROL DA BARRA

Por ter sido construido muito perto do mar, parece que este o começou a beijar com certa insistência, pondo-o em risco.

As obras para continuação do molhe Norte já se acham paralizadas, até se resolver sobre o caso.

IMPRENSA

O Castanheirense

Com um número de 44 páginas festejou a entrada do 15.º ano da sua existência este semanário regionalista da Castanheira-de-Pera que, sob a direcção do sr. Ilídio José Coelho ali se publica, pois ficou a substituir o seu fundador, dr. José Fernandes de Carvalho.

Apresenta-se profusamente ilustrado, o comércio e as indústrias concorreram para a festa, sem o que seria impossível, visto *O Castanheirense* ser o próprio a confessar que como todos os jornais da Pequena Imprensa não faz vida para chegar ao fim de cada ano com saldo numerário, em virtude dos colaboradores angariarem o pão de cada dia nos mais variados misteres, menos no trabalho do prelo.

E' realmente assim a vida dos jornais de província e por isso nos congratulâmos com as prosperidades do *Castanheirense*, que muito sinceramente desejamos.

CUMPRIMENTOS E FELICITAÇÕES

Por ocasião do aniversário deste jornal, no dia 22 de Fevereiro, o primeiro telegrama recebido de Lisboa a meio da manhã, foi do nosso velho amigo, o coronel-médico dr. António Leitão, que na nossa colónia de Macau se distinguiu, inclusivamente no professorado, honrando o nome de Aveiro, como um dos seus mais dilectos filhos.

Agradecemos-lhe, do coração, as palavras nele contidas.

E pelo correio veio da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomaz, da Figueira da Foz, esta carta:

Figueira da Foz, 22 de Fevereiro de 1951.

...Sr. Director de O Democrata

Aveiro

Muito me apraz felicitar V. pela passagem de mais um aniversário do excelente jornal que tão distintamente dirige.

O Democrata *tem sabido impôr-se pela sua fidelidade ao bem público, ganhando assim jus à consideração geral.*

Fazendo votos pelas prosperidades pessoais de V. e desejando longa vida ao Democrata, *tenho a honra de me subscrever com vivos protestos da minha mais elevada consideração*

De V. etc.

A bem da Nação

O director

ANTÓNIO VÍTOR GUERRA

Igualmente muito reconhecidos pelas desvanecidas palavras que nos dirigiu.

Por sua vez, o sr. dr. Tavares de Almeida, do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, diz-nos em ofício:

...Sr. Director do jornal O Democrata.

Aveiro

Em nome do Secretário Nacional de Informação, no meu próprio e do corpo redactorial desta Repartição, tenho a honra de apresentar os melhores cumprimentos no aniversário do jornal da digna direcção de V., fazendo votos pela sua prosperidade e longa vida ao serviço da Nação.

A bem da Nação

Secretariado Nacional da Informação, 24 de Fevereiro de 1951.

O Chefe da Repartição,

A. TAVARES DE ALMEIDA

O GOVÊRNO FRANCÊS

Demitiu-se em virtude dos partidos, no Parlamento, não terem chegado a acôrdo sobre o problema da Reforma Eleitoral. Mas é possível, talvez, que Pléven se suceda a si mesmo.

Vamos a ver.

Joaquim Carreira

Tem estado de cama, doente, no Porto, onde reside, este nosso presado amigo e colaborador assíduo, a quem desejamos breve restabelecimento.

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

A Delegação de Aveiro tem marcado para esta temporada mais quatro concertos assim distribuidos: um em Março com o violinista Ivone Astruc; dois em Abril, com o pianista W. Kempf, um, e o outro com o quarteto Italiano e o último em Maio, com a Academia Instrumentistas de Câmara.

Se não surgir, está claro, qualquer imprevisto.

Dr. Mário Duarte

Pelo último movimento diplomático e consular acaba de ser promovido a Consul de 1.ª classe e colocado em Hamburgo o nosso presado amigo e distinto aveirense, cuja carreira brilhantíssima é caso para o felicitarmos vivamente, pelo modo como tem elevado esta terra e Portugal, que representa.

Com esta é a segunda vez que Mário Duarte vai servir o país na Alemanha, sendo de prever que antes de tomar posse tenhamos a satisfação de o abraçar na sua passagem por esta cidade onde gosa de muita estima e consideração.

Benemerência

Um velho amigo nosso enviou-nos para os pobres deste jornal, o que não é a primeira vez que isso faz, mais 20$00 que deram entrada no respectivo mealheiro.

Gratos pela generosidade.

Atenção para a 4.ª página

Cantoras do Postigo do Sol

Exibiram-se ontem no Teatro Aveirense, realizando um concerto patrocinado pelo Círculo de Cultura Musical, dirigidas pelo maestro Vergílio Pereira e em benefício do Albergue desta cidade.

A circunstância do jornal ter de entrar na estação dos correios a horas de ser distribuido no sábado de manhã, inibe-nos de desenvolver mais a notícia.

Efeméride

A 3 de Março de 1829 nasceu em Bilbau, nas Vascongadas, Raimundo de Bulhão Pato, que veio a ser um dos últimos abencerragens do lirismo romântico, elevado às mais altas consequências.

Muito criança ainda, veio para Portugal, onde toda a vida viveu e respirou o ambiente literário que na época era, para o seu gosto estético, deveras aliciante. Pertenceu à roda de Herculano, Garrett, Gomes de Amorim, Lat ino Coelho, Rebelo da Silva e outros da mesma plana. Dos seus livros de versos, destacam-se, como mais famosos: Os versos de Bulhão Pato, *as* Canções da tarde, *as* Flores Agrestes *e a conhecidíssima* Pequita, *poema lírico que ao tempo (1866) alcançou grande êxito.*

Segundo Herculano, a Pequita *era um protesto contra a imitação da poesia francesa e do seu monótono ritmo. A* Pequita*—escreve, pertence a essa escola italiana, admirável pelos seus caracteres essenciais: a variedade e a singeleza, escola que sabia bordar o matiz da vida real com suprema verdade na tela das criações mais fantásticas; que ria e chorava no mesmo canto e até na mesma estrofe. O professor dr. Vitorino Nemésio diz de Bulhão Pato: «A sua sensibilidade e sobretudo o seu sentido do convívio fizeram-no a melhor testemunha da sociedade constitucional e romântica. Vê essa sociedade de dentro, com uma perspectiva de correligionário e discípulo dos grandes homens, e portanto sem grande consciência da sua originalidade que implica virtudes e defeitos. Mas o próprio calor de adesão às ideias românticas e o entusiasmo por esse estilo de vida exaltada torna o seu depoimento sincero. Os três volumes intitulados* Memórias, *as recordações e biografias do livro* Sob os Ciprestes, *as notas pessoais de* Paisagens *têm um sabor único a templo e a lugares recatados. Ninguém como Bulhão Pato soube o valor de um amigo mais velho ou mais culto, de uma mulher bela ou bondosa, e o preço da diferença entre tê-la visto nova e requestada e vê-la depois velhinha.*

Bulhão Pato faleceu em 1912.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

O nosso antigo assinante, sr. tenente Joaquim de Matos, residente no Porto, dignou-se pagar directamente, com 50$00, o ano do jornal, o mesmo acontecendo com a nossa conterrânea residente em Lisboa, sr.ª D. Balbina Pereira Simões e com 40$00 o sr. dr. João Nunes Maio, de S. Bernardo, a quem a administração agradece.

Falta de espaço

Ficaram de remissa esta semana alguns originais que não perdem a oportunidade, pedindo por esse facto desculpa aos seus autores.

AINDA UMA VEZ MAIS...

AS TABULETAS

Do *Boletim do Grémio Nacional das Farmácias*, n.º 70, distribuido no fim de Fevereiro, transcrevemos:

Està na ordem do dia as Câmaras Municipais exigirem que os proprietários das farmácias paguem, a título de reclamo, licença das suas tabuletas ou letreiros, quando estes digam apenas

Famácia X—Director técnico: Fulano de tal—farmacêutico

Parecendo de princípio, uma questão de lana caprina, sem importância, pelo facto do pagamento de mais uns escudos que pagaremos de qualquer forma, o que acho intolerável é que o seja a título de reclamo.

Em toda a parte há bom e mau.

Há o bom artista que, ao mesmo tempo que trabalha com os braços, na sua oficina, trabalha também com o cérebro já delineando a melhor perfeição de acabamento, estudando a melhor facilidade de execução, reunindo peças idênticas, de forma a servir-se da máquina uma só vez, para que o trabalho saia perfeito e económico.

Há o mau artista, imperfeito, mecanizado, inconsciente, sem cuidar de algo que não seja o que lhe pagam para passar o tempo.

Há o bom sapateiro, capaz de idealizar e realizar o mais perfeito calçado de homem e de senhora, em requintes de graça e de elegância.

E há o mau sapateiro que só faz **botas**, e das grossas, cardadas e só de bezerro.

Mas não deixam ambos de ser sapateiros...

O que se dá com os artistas, dá-se com os escritores, os jornalistas, engenheiros, farmaceuticos, médicos, advogados e até com os magistrados, que para o serem têm uma longa preparação.

Têm estes que ser umas pessoas práticas da vida e dos homens.

Não precisam da opinião pública para julgar; mas, pela sua independência e porque a justiça deve ser criteriosamente ministrada, têm que auscultar a opinião pública, principalmente se têm que julgar do público, ou para serviço do público; e tanto isto é difícil e divergem tanto os critérios pessoais, que se criaram **tribunais colectivos** e os **plenos**, para uma melhor distribuição do que se chama justiça.

Donde, dessas diferenças de critério, podem resultar bons ou maus julgadores.

Aqueles que julgam a letra da lei com a rigidez do escrito; e os que, conhecendo a vida e principalmente os homens, julgam com a cabeça, com o coração, com os usos e costumes, sem tergiversar, sem ferir princípios, dentro do espírito da lei, sabem fazer justiça.

E' o que vamos ver...

O art.º 21.º do decreto 17.636 de 19 de Novembro de 1929, que rege o exercício da farmácia, como complemento do da Saúde Pública, do qual não se pode separar, manda que o nome do director tecnico—«deve também inscrever-se em letreiros suficientemente visíveis, postos à vista do público no interior e no exterior das farmácias».

O *nome* do director técnico.

Irrisório seria escrever numa parede, sòmente,—como manda a lei—um nome, sem qualquer outra indicação.

Intuitivamente, tentou-se completar o pensamento do legislador e escreveu-se: «Director-técnico fulano de tal»; já não era bem a lei, mas pareceu-nos ser o seu complemento.

Surgem, em pouco, novas direcções técnicas, engenheiros, mestres de obras, músicos, cozinheiros, cabeleireiros, e coerentemente se completou o que a lei não regulamentou, da forma como em cima enunciamos.

O que creio se poderia fazer em uma, duas ou mais tabuletas, sem ter em conta o tamanho de cada letra conquanto fosse *suficientemente visivel*.

Pouco tempo depois, a Direcção Geral de Saúde, a entidade que tem a seu cargo zelar pelo cumprimento do referido Decreto, faz publicar, na 2.ª série do Diário do Governo, o mapa por ela organizado, que identifica as farmácias pelo seu nome e estabelece que em todas as farmácias seja colocado exteriormente e em local bem visível, o **nome** e a **localização** das duas farmácias mais próximas.

Se a D. G. de Saúde não entendesse necessário, a bem da Saúde Pública, não exigiria o **título**, mas tão sòmente a morada.

E, de que serviria o título ser indicado, se a indicada não o tiver lá?...

Constituem os dizeres, tais como os enunciamos, inscritos em uma ou mais tabuletas, um *reclamo?*

Levadas as acções até aos tribunais, várias sentenças cheias de curiosas e judiciosas considerações, dizem que não; uma, porém, responde o que vamos ler, trasladado de uma sentença:

«As farmácias, são estabelecimentos comerciais que usam a tabuleta com a indicação do seu nome como meio de publicidade destinado à propaganda na via pública».

Pasmai, ó gentes!!!

Seja embora a farmácia um estabelecimento comercial, porqne nela se exercem alguns actos de comércio, é sobretudo a oficina onde o farmaceutico prepara os medicamentos.

Necessário se torna ver que não é um estabelecimento comercial na acepção da palavra.

—E' um estabelecimento de utilidade pública notória, onde não se pode exercer qualquer ramo de negócios senão a venda de medicamentos, acessórios e produtos destinados à higiene e profilaxia.

—Não pode estar aberta sem ter como director-técnico um diplomado por uma Universidade.

—Não pode abrir nem encerrar as suas portas, como qualquer comércio; tem deveres a cumprir, não só para com a lei, como para o seu semelhante.

—Tem que fazer serviço nocturno obrigatório, o que não acontece aos comerciantes.

—E regido por leis especiais—*Saúde Pública*.

—A natureza dos artigos de farmácia, não é vendável por reclamo—não confundir com especialidades farmacêuticas.

—Os medicamentos, raramente são comprados para ficarem em casa armazenados: são para uso imediato.

—Os medicamentos devem ser em todas as farmácias o mesmo produto para corresponderem às exigência da Farmacopeia.

—Os medicamentos devem vender-se em toda a parte ao mesmo preço, para o que há, desde 1947 um regimento de preços, obrigatório.

—Os produtos do seu consumo, não são adquiridos pela função de preços, mas sim pela qualidade que tem que ser identificada, em relação à farmacopeia e de que o farmacêutico é directamente responsável.

Para quê, então, o reclamo?

Mas, vejamos: há mais e melhor, ainda da sentença.

«E' presentemente indiscutível a natureza comercial do farmacêutico, havendo-se as farmácias como estabelecimentos comercias que, nesta qualidade e à semelhança de quaisquer outros, se utilizam (voluntàriamente) de tabuletas, como meio de publicidade e com o fim de propaganda perante o público, donde a necessidade de distinguir cada uma o seu estabelecimento dos outros seus congéneres».

Que incoerência!!!

A tabuleta nas condições em causa é um meio de propaganda com o fim de diferenciar o seu estabelecimento de outros seus congéneres?..

Não se quis ver que a tabuleta, com o nome da farmácia, o do director-técnico e o cartaz indicativo das farmácias de serviço—são ùnicamente em benefício do público, com prejuízo do farmaceutico que tem que manter esse serviço sempre em ordem para não prevaricar; ùnicamente como *utilidade* e *a bem da Saúde Pública*, o que não acontece a qualquer outro ramo de comércio, para facilitar, quando num momento de aflição, flagelado pela dor, tem que recorrer a uma farmácia!!!

Se o julgador tivesse a mãe, a esposa, ou um filho muito querido, em perigo de vida, numa noite de tempestade, escura como breu, as ruas escuras e mal iluminadas—aqui mesmo em Lisboa, porque Lisboa não se circunscreve só à Baixa e tivesse que meter-se num táxi, se o houvesse ou tivesse que calcurriar rua abaixo, rua acima, à procura de um número trocado, de uma letra que se não vê, sem outra indicação para o guiar... os minutos a passarem, a morte a aproximar-se, sem encontrar o almejado medicamento para tentar fazê-lo voltar à vida... eu tenho a certeza de que esse magistrado bem diria a lembrança do farmacêutico em ultrapassar até a lei, pondo na sua fachada letras iluminadas que o guiassem à terra da promissão...

E' este mais um caso para pedir a sua Excelência o Sr. Ministro do Interior, se quer prestar um serviço a bem da Nação e da Saúde Pública, que mande regulamentar a lei ainda sem regulamento, e numa das suas passagens diga taxativamente—que a farmácia é um estabelecimeuto de *utilidade pública* e como tal tem que se distinguir dos outros estabelecimentos—obrigando todas as farmácias a ostentar na sua fachada um letreiro que nunca poderá ter menos de X x X e onde se leia FARMÁCIA DE X... Director-técnico F... e ainda um *caduceu*, ou *simbolo* que a faça distinguir de todos os outros estabelecimentos.

ANTÓNIO SILVA

NÃO É SÓ CÁ...

Na França também existem e de respeito...

Com data de 20 de Fevereiro transmitiram de Paris:

A polícia prendeu hoje pela 32.ª vez Armandine Gersane, de 60 anos, conhecida pelo cognome de *Rainha das gatunas de lojas*, com 31 sentenças por roubos em estabelecimentos. Foi-lhe, também, proibido viver na área de Paris durante o total de 400 anos.

E' caso para lhe bradar daqui: mulher: tenha juizo de futuro!

Quando não sujeita-se ao agravo da pena...

O FADO

—o—

O colaborador da *Soberania do Povo*, de Agueda, sr. Archer Homem de Melo, dedica-lhe no último número as seguintes linhas, que inteiramente perfilhamos:

O Fado pode ser considerado por alguns (eu conto-me nesse número) como uma manifestação de bom gosto e de arte musical —mas não deve permitir-se que seja elevado a funções estranhas ao seu «metier» e à sua arreigada feição popular.

O que vem sucedendo há uns tempos para cá é confrangedor. O Fado, que estagnava por botequins e retiros de má fama, fugiu para as «boites» elegantes onde se reune a melhor sociedade lisboeta e subverteu o seu fim pela modificação do meio—perdeu todo o cunho popular, retintamente popular, para se tornar (a expressão não é feliz...) uma canção *nova-rica*. Se isso já era lamentável o resto ainda é pior.

Ao mesmo tempo que o fado se elevava—e poder-se-ia pensar que à custa do valor intrínseco da canção—notava-se que os seus intérpretes iam galgando, dia a dia, as escadas da sociedade para ao fim e ao cabo se tornarem convivas e familiares de Príncipes e Reis...

Mas com o andar dos tempos acabou por verificar-se que não era o fado que elevava os seus intérpretes, mas estes que faziam subir aquele.

E a situação tanto se agravou, que acabou por se cair no ridículo. E' assim que vemos Assis Chataubriand a almoçar com Amália Rodrigues, as mais representativas figuras da nossa política e da nossa sociedade em *tu cá tu lá* impressionante com a Rainha do Fado; um nunca acabar de exageros culminados pela ida dos nossos mais ilustres visitantes aos retiros fadistas, a banquetearem-se com os que lá cantam. Só faltou que o General Eisenhower, quando esteve em Portugal, jantasse com a Amália...

—o—

Quem ler o que atraz se escreveu pensará que nos move contra a classe fadista qualquer aversão, filha talvez de um orgulho ou superioridade que não só não existem como não teriam motivo para tal.

O que nos leva a protestar contra semelhante estado de coisas é o ridículo em que se está caindo—ridículo que abrange algumas das mais altas personalidades da vida portuguesa.

O Fado tem de se confinar àquilo para que foi criado e ao meio em que nasceu e a levantar-se um dia, deveria ser pelas suas qualidades, que não pela simpatia, formosura ou relações, de qualquer dos seus intérpretes.

Garraiada

=o—

Anuncia-se para ámanhã, às 16 horas, a inauguração da praça desmontável, construida nas imediações do Mercado Municipal pelo sr. António Rodrigues, do Cartaxo, e que comporta, segundo ouvimos, uns dois mil espectadores.

Lidar-se-ão 6 corpulentos garraios, sendo a festa brava abrilhantada pela *Banda Amisade*.

Como cavaleiro apresentar-se-á Orlando Domingos, que já se tem evidenciado em diversas praças, com agrado.'

Vamos a ver o que sai.

Notas Mundanas

Aniversário

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia, seu marido o coronel farmacêutico sr. Francisco Marques da Naia e ainda os srs. João Carlos Fernandes Aleluia, filho do industrial sr. Carlos Aleluia, José Robalo Lisboa Júnior e Sarafim de Oliveira; amanhã, os srs. Albano H. Pereira, dr. Ernesto Vidal, esclarecido clínico no Porto e José dos Ssntos Jorge, guarda-livros naquela cidade; no dia 6, o sr. José F. da Costa Mortágua, funcionário da Vacuum *e Ernesto Gomes Vieira, filho do comerciante sr. Ernesto Rodrigues Vieira; em 7, os srs. António Porfírio da Silva e Joaquim Manuel Marques Bela, oficial náutico, e em 8, o nosso presado amigo António Madail e o menino Mário de Castro Pina, filho do sr. Henrique Pina e neto do nosso velho amigo conselheiro Azevedo e Castro.*

Casamentos

Foi pedida para o sr. José da Ascenção Taborda, capitalista e comerciante na Africa Equatorial Francesa, a mão da gentil Maria Rosa Peixinho Fragoso, dilecta filha do sr. Mário Nunes Fragoso e de sua esposa a nossa conterrânea, sr.ª D. Natália de Lemos Peixinho Fragoso, residentes na capital.

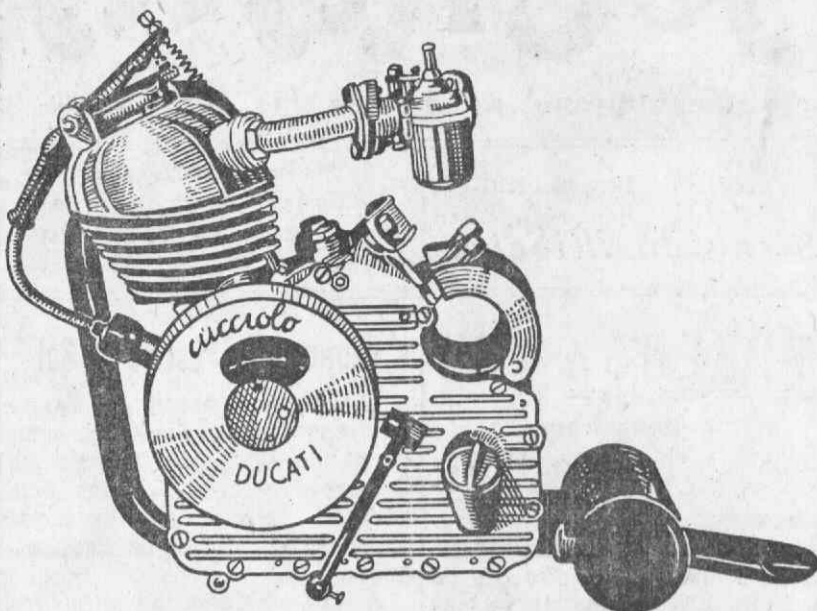
O enlace realiza-se brevemente.

Partidas e Chegadas

Esteve cá a sr.ª D. Maria Júlia de Sousa Lopes que regressou à capital.

Doentes

Não tem passado bem de saude o sr. coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

—Tem experimentado algumas melhoras, mas ainda não sai à rua, o sr. Ricardo da Cruz Bento.

—Esteve também alguns dias de cama o nosso amigo Penna Peralta, digno solicitador na comarca.

Desejamos o restabelecimento de todos.

NECROLOGIA

A's primeiras horas da manhã do último sábado faleceu, em consequência duma hemorragia cerebral, a sr.ª D. Georgina da Conceição Pereira, que residia na Avenida Dr. Lourenço Peixinho na companhia de sua filha a sr.ª D. Maria da Luz Pereira de Almeida Neves, casada com o sr. Joaquim Vicente Duarte das Neves Júnior, escrivão de Direito aposentado.

O funeral realizou-se no domingo, dia em que completaria 74 anos, para o cemitério central, com a assistência de pessoas da intimidade da família enlutada, de que faz parte a sr.ª D. Glória Pereira Peixinho, irmã da extinta e viuva do falecido advogado, dr. Joaquim Peixinho.

* * *

Também se finou com 73 anos, António Rodrigues Pinto, que, tendo trabalhado na arte como sapateiro, era ultimamente assalariado da Câmara.

Deixou alguns filhos, era sogro do sr. Eduardo Vieira, empregado nos caminhos de ferro, e foi sepultado no cemitério sul.

* * *

Com 80 anos, igualmente deixou o mundo, o sr. Manuel Estêvão da Silva, a quem a doença, há mais de dez, impossibilitara de sair de casa.

Natural da freguesia de Cacia, esteve à frente da antiga *Padaria Bijou*, era casado, mas não tinha filhos.

* * *

Numa Casa de Saúde de Lisboa, onde se encontrava em tratamento duma doença mental, morreu subitamente o sr. José Huet Bacelar, que com sua família residiu nesta cidade quando aluno do Liceu.

Era filho do sr. Aníbal Huet Bacelar que aqui foi, em tempos, funcionário da Direcção de Finanças, tinha agora 39 anos de idade, deixando viúva a professora sr.ª D. Albertina Andias, de quem existe um filho.

O extinto tinha sido recentemente colocado como secretário de Finanças de Agueda, não chegando a tomar posse.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Manuel da Silva Palavra Rebelo, casado, de 59 anos, antigo combatente da G. Guerra e Silvério da Costa, empregado da Câmara, aposentado, casado, de 74, natural de Penamacor; em *Esgueira*, Silvina Maria de Jesus, solteira, de 29, natural de Arcozelo das Maias; Maria de Jesus Morais, de 68, casada com António José Morais e Rosa de Jesus Ferreira, solteira, de 82, e na *Quinta do Picado*, João Alves, viúvo, de 87.

Coral Aleluia

Na próxima segunda-feira, às 21 h. e 25 m. este agrupamento local ouvir-se-á através da Emissora Nacional em um programa de música popular dos compositores Mário de Sampayo Ribeiro, Ruy Barral, H. Salgado e Raposo Marques.

A propósito duma efeméride

O sr. capitão Acácio Teixeira Lopes, escreve-nos:

...Senhor A. Ribeiro

No último número de *O Democrata* inseriu V. uma notícia, como efeméride relativa ao nascimento daquele meu falecido parente, José Joaquim Teixeira Lopes.

Já que teve essa gentileza, permita-me que dê mais alguns esclarecimentos. Não era filho de lavradores, mas sim de um artista, exímio serralheiro, que com seu irmão, meu bisavô, construiram vários relógios de igreja, existindo ainda alguns em Traz-os-Montes. José Joaquim Teixeira Lopes, conhecido na nossa terra pelo *Santeiro*, mostrou desde creança grande vocação para a escultura, talhando em madeira pequenas figuras.

Apreciados os seus méritos por uma pessoa grada da terra, esta ofereceu a sua protecção, trasendo-o para o Porto, aonde fez o curso da Escola de Belas Artes, indo depois a expensas do Governo estudar em Paris. Ali, adquiriu também conhecimento de cerâmica, fundando depois do seu regresso, com o falecido snr. António de Almeida Costa, padrinho do meu falecido primo, o escultor Teixeira Lopes, a Fábrica Cerâmica das Devezas.

Dos seus trabalhos existem na igreja da nossa terra—São Mamede de Riba Tua—um São João com o seu cordeirinho, em madeira, dos seus primeiros trabalhos, uma imagem de Santa Eufemia, outra de Nossa Senhora das Graças em tamanho natural, esta de uma expressão e perfeição admiráveis. Existe também na pia batismal, um baixo relevo —*O batismo de Cristo*—trabalhos oferecidos à terra onde nasceu e repousa.

Pela publicação destes esclarecimentos, muito grato o

Am.º Ob.º

ACÁCIO TEIXEIRA LOPES

(Capitão)

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

O "TEMPO"

O «Tempo» cura chagas de vidas cruéis...
Amparo doce... amigo... em «outonais vergéis...»
O «Tempo», à Vida, dá um nobre Sentimento,
E, tantas vezes, corpo e alma ao Pensamento.

. . . .

Em versos crus, demais a mais...
Sem graça nenhuma... e... tão... tão...
Pobres... alquebrados... banais...
Sem um certo ar de distinção...
Oh! Estranho pesadelo,
Que, acordado, sonhei!
Quem me mandou dizê-lo?

. . . .

Eu «senti»...
Já pensei...
Que morri...

. . . .

Mas não morri! a Vida
E' dom divino: é Deus
Que a dá; e, repartida
Em desventura, ou f'licidade,
Em vício torpe, em luta inglória,
Em Amizade — Eternidade...
Ainda além da Humana-História...

. . . .

O «Astro-Rei» já vai tingindo o Firmamento,
Esplendoroso véu cobre o Corpo sangrento...
Quem me dera dizê-lo em versos burilados,
Porém, não nestes pobres... toscos... alquebrados...

A. A. T. G.

"Mi-carême"

—o—

Nos salões do *Avenida* realizaram-se, na quarta-feira, bailes de máscaras por ser o dia da *serração da velha*.

E' da tradição.

Transcrição

—o—

O *Diário de Coimbra* novamente reproduziu nas suas colunas o que publicámos sobre *A crise na Imprensa Regionalista*, do sr. A. C.

Reconhecidos.

EMISSORA NACIONAL

—o—

Pagamento de recibos atrazados

A Emissora Nacional lembra aos seus ouvintes, que por qualquer motivo não tenham satisfeito oportunamente o pagamento de recibos da taxa radiofónica, que estes são enviados, findo o prazo de espera, às Execuções Fiscais.

Como o número de recibos em atrazo, em débito até ao fim de 1950 inclusivé é, porém, muito avultado, resolveu-se aguardar excepcionalmente o seu pagamento voluntário, no Serviço de Taxas da Emissora Nacional, na Avenida Dr. Sidónio Pais, até ao dia 10 de Março. Após esta data, os recibos seguirão para as Execuções Fiscais, sem qualquer outro aviso aos interessados.

Regimento de Cavalaria, n.º 5

—o—

Anúncio

O Conselho Administrativo deste Regimento, faz público que no dia 13 de Março do corrente ano, pelas 14,30 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, se procederá à arrematação em hasta pública das rações de verde para os solípedes do Regimento de Cavalaria n.º 5 e para os do Regimento de Infantaria n.º 10, pelo espaço de 30 dias.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigor segundo o modelo do caderno de encargos, serão apresentadas neste Conselho Administrativo até à abertura da praça, em cartas fechadas e lacradas acompanhadas da caução provisória de cem escudos (100$00).

O caderno de encargos está patente todos os dias úteis das 19 às 17 horas na Secretaria do Conselho Administrativo.

Quartel em Aveiro, 24 de Fevereiro de 1951.

O Chefe da Contabilidade,
JORGE FEURLY DE MAGALHÃES CALDAS
Alferes do S. A. M.

Teatro Aveirense
S. A. R. L.
AVEIRO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
1.ª Convocatória

Conforme o art.º 37.º dos nossos Estatutos, convido os senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária no dia 11 de Março de 1951 (1.ª convocatória), pelas 14 horas, na Séde Social, com a seguinte Ordem do Dia:

1.º—Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Direcção, e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1950.

2.º—Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Aveiro, 1 de Março de 1951.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(a) CARLOS GOMES TEIXEIRA

CARTAZ

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Domingo, 4 (às 15 e 21 h.)
Zona Proíbida

Terça-feira, 27 (às 21 h.)
Pena de Talião

Em 10:
O Grande assalto

Brevemente:
II Miguel Strogoff

Teatro Aveirense

PROGRAMA

Sábado, 3 (às 21,15 h.)
Domingo, 4 (às 15,30 e 21,15 h.)
Ladrões de Bicicletas

Quinta-feira, 8 (às 21,15 h.)
Perdidos na Escuridão e Púreza

Em 11:
A Mulher de Monte Cristo

Correspondências

Costa do Valado, 1

Faleceu na quinta-feira da semana passada a sr.ª D. Olímpia Bandeira Rangel de Quadros, natural de Carvalhal, Tondela, viúva, há 9 anos, do sr. António Maria de Vasconcelos Rangel de Quadros, que deixou de existir em Viseu. Era mãe estremosa da sr.ª D. Amália Bandeira Rangel de Quadros, que dignamente exerce o magistério primário na escola masculina desta localidade, onde gosa a simpatia de todos os habitantes.

A sr.ª D. Olímpia Rangel de Quadros, tinha a impô-la, também, o fino trato de que era dotada e a que andavam ligados apreciáveis dotes de espírito, que a tornavam imensamente estimada.

Recebeu sepultura no cemitério da Oliveirinha, aonde, no dia seguinte, a acompanharam as irmandades da terra, de cruz alçada, as professoras e professores da freguesia, as crianças das escolas, com ramos de flores que deixaram espalhadas sobre a sua campa e muitas outras pessoas, formando extenso cortejo.

Da chave da urna era portador um dos visinhos da extinta, sr. Arménio Peralta Estrêla e durante o trajecto organizaram-se os seguintes turnos:

1.º—Manuel Ferreira Maia, José da Silva Maia, João Peralta Estrêla e Abílio Cruz.

2.º— Albino Martins Pereira, António Simões Paixão, Manuel Fernandes Paredes e José Marques Carvalho.

3.º—Tenente Natividade e Silva, Manuel Perdigão Costa, eng. Fernando Leite e Serafim Garcia.

Ao lamentarmos o triste desenlace, visto os padecimentos da bondosa senhora se terem agravado com os rigores da época invernosa, por último só desejamos significar à desolada filha, que assim se vê privada da companhia e desvelo maternos, o nosso mais profundo sentimento.

—Também no domingo se finou o sr. Albano Nunes Génio, que foi empregado num frigorífico, em Lisboa.

Tinha 77 anos de idade e foi no dia seguinte para o mesmo cemitério, acompanhando-o, a tocar, a música de Fermentelos.

Deixou viúva, alguns filhos, netos e bisnetos.

—No estado de solteira acabou os seus dias, Maria Vieira, que contava 73 anos e vivia na companhia de seu irmão sr. Joaquim Maia.

—Da capital veio novamente o nosso amigo, sr. Manuel Borralho.

C.

Oliveirinha, 1

Segundo alguns jornais *bem informados* a estrada ou caminho que nos liga a S. Bernardo, recebeu conserto, mas decerto à moda do que noutros tempos lhe era explicado pelo célebre *cantoneiro da serra*...

A não ser que se chame agora conserto à limpesa das valêtas.

—Vitimado por uma bronco-pneumonia faleceu, com 70 anos, o abastado lavrador António Rodrigues Vieira, cujo funeral se realizou com grande acompanhamento.

Tomou nele parte um grupo de seminaristas de Aveiro, vindo propositadamente para esse fim em virtude de ser, na freguesia, dos que também concorreram sempre para a construção do Seminário.

C.

Eixo, 1

Faleceu na Taipa, com 59 anos de idade, o sr. Manuel Simões Jorge que teve ofícios de corpo presente, sendo sepultado no cemitério de S. Paio de Requeixo, aonde o acompanhou grande número de pessoas.

O extinto era solteiro e irmão do nosso amigo Diamantino Simões Jorge, para quem vão os nossos sentimentos, extensivos à restante família.

—No mesmo lugar também deixou de existir a sr.ª Teresa de Oliveira, viuva do sr. José Rodrigues Vitorino e tia do sr. Rufino Simões de Carvalho.

P.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,21 (correio)	0,51 (correio)
6,05 (tram.)	7,32 (ónibus)
6,48 (mixto)	10,21 (rápido) 1
8,20 (tram.)	10,29 (correio)
11,14 (tram.)	11,48 (semi-dir.)
12,26 (rápido)	15,39 (ónibus)
12,35 (tram.)	19,42 (rápido)
15,44 (tram.)	21,55 (mixto)
17,46 (semi-dir.)	Do Porto chegam tram. às 11,32, 17,37, 19,08 e 20,44 que não seguem.
17,55 (tram.)	
21,01 (correio)	
22,57 (rápido) 1	

(1) Só se efectuam às terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,45	7,24
14,05	10,40
17,55	19,26
19,50	23,15

Comarca de Aveiro

Éditos de 60 dias

2.ª publicação

Pela 2.ª secção de processos do 1.º Juizo do Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de 60 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, a citar os interessados incertos para, no praso de 20 dias, posterior ao termo do praso dos éditos, se habilitarem, querendo, ao recebimento da quantia de 3.766$73, proveniente de dividendos considerados prescritos referentes ao ano de 1939, relativos a 474 acções nominativas e 761 acções ao portador, do Banco Regional de Aveiro, que lhes pertencem, tudo conforme a respectiva nota ou relação junta aos autos de liquidação em benefício do Estado, em que foi requerente o digno Agente do Ministério Público os quais se encontram patentes ao exame dos interessados na secretaria judicial desta comarca.

Aveiro, 7 de Fevereiro de 1951.

O chefe da 2.ª secção,
Reinaldo Neto de Sousa

Verifiquei a exactidão,
O Juiz de Direito subst.º,
Miguel Joaquim Maria Varela Rodrigues

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Por este Juizo—segunda secção—segundo Tribunal—e nos autos de acção de arbitramento que Manuel Fidalgo Estanqueiro, marítimo e mulher Laurinda de Jesus Calçoa, doméstica, da Gafanha da Nazaré, movem contra Diogo Fidalgo Estanqueiro; Armando Fidalgo Estanqueiro; Maria da Luz Fidalgo Estanqueiro; Carlos Vergas Fidalgo e Rodrigo Vargas Fidalgo, todos solteiros, menores, conviventes com sua mãe Rosa Vergas, viúva, domestica, da Gafanha da Nazaré, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem aos referidos autos de acção deduzir os seus direitos nos termos do art.º 864 do Código do Processo Civil.

Aveiro, 16 de Fevereiro de 1951

O chefe de secção,
João António Morais Sarmento

Verifiquei
O Juiz de Direito do 2.º Tribunal,
José Luís de Almeida